

---

## A Multidão e o Vazio: a semiose do espaço público e a pandemia.<sup>1</sup>

Autora: Fátima Aparecida dos Santos - Instituto de Arte da Universidade de Brasília<sup>2</sup>

### Resumo

Neste artigo analisaremos o espaço enquanto lugar da semiose. Buscamos por meio de imagens midiáticas durante a pandemia do COVID19 retratando o espaço vazio e a sua oposição, a multidão, entender o espaço a partir da confrontação de quatro perspectivas semióticas: a semiótica pragamática de Peirce, a semiótica da cultura por meio de Lotman, a multidão como categoria ontológica do espaço em Ferrara e o estudo sobre o aspecto espacial e temporal a partir de uma perspectiva Greimasiana com interlocutores contemporâneos como Máximo Leone e Sémir Badir. Ao final aplicamos o quadro síntese proposto por Badir para pontuar questões na semiótica espacial e o devir de uma semiótica da cidade.

**Palavras-chave:** espaço-público; multidão; vazio; aspectualidade.

### Introdução

Em reportagem publicada na BBC Brasil em 29/04/2020, a manchete anunciava 'Quarentena nas alturas - Coronavírus: Um mundo em quarentena visto de cima' e o subtítulo da matéria dizia: O corona vírus levou boa parte do mundo a parar.<sup>3</sup> Trata-se de um filme com pouco mais de cinco minutos de duração que exhibe cenas de várias cidades no mundo, filmadas por meio de helicóptero ou *drone*, nas quais se pode ver o vazio nos espaços públicos. O vídeo, ao contrário das reportagens exibidas na página ou no canal do Youtube da BBC Brasil, não traz junto um texto jornalístico. A sucessão de imagens compõe o documento em si, não há narrativa, não há locução e o texto escrito que se apresenta figura apenas como legenda localizando minimamente as imagens mostradas.

Ao assistir tal vídeo, nós que somos estudiosos da cidade, pensando-a como manifestação do humano e como afirma Ferrara, da multidão como categoria ontológica constituinte desse espaço, nos perguntamos que semioses e quais análises esse espaço asséptico enseja e, como os signos de tal multidão estão ou não inscritos nessas imagens?

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao DT8 - Estudos Interdisciplinares - GP Semiótica da Comunicação do XX Encontro dos Grupos de Comunicação da Intercom - Intercom 2020.

<sup>2</sup> Professora Doutora atuando na graduação em design da UnB e nos programas de pós graduação em design e artes visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

<sup>3</sup> disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52478020> acessado em 12/10/2020 às 11h40.

---

Uma das grandes dificuldades em investigar a cidade reside exatamente na dinâmica e sucessão de processos que atravessam tal *corpus*. As pessoas com suas gestualidades e a moda, dizem da cidade da mesma forma que circuitos de transportes e a suas intermodalidades, assim como o escopo dos costumes culturais, a sobreposição de festejos e comemorações, a miscigenação dos povos que ocupam aquele espaço resultando nos festejos que são estampados em cada um dos cartazes fixados em paredes e muros, resumindo, uma profusão aparentemente desordenada de sistema de signos que aos nossos olhos, olhos de pesquisadores, precisam ser ordenados, dissecados e analisados.

Entendemos enquanto pesquisadores da semiótica em busca da semiótica do espaço que raras são as oportunidades de esvaziamento total ou de separação de cada um dos elementos constituintes desse grande objeto chamado cidade. E, ainda que existam formas, até então elas ocorreram em breves momentos ou em softwares de laboratório que simulam o momento zero de uso dos espaços.

O que nos foi apresentado nos primeiros dias de anúncio da quarentena constitui-se oportunidade única de análise. Desafortunadamente, a quarentena em si, também nos atinge enquanto seres humanos e pesquisadores e talvez ainda não tenhamos tido o tempo e o distanciamento necessário para a leitura de tal fenômeno. Entretanto, mesmo correndo o risco do julgamento dos pares, da pressa da escrita e da urgência embotadas nesses tempos tão distópicos pela proximidade dos fatos, sujeitamos-nos a apresentar essa tessitura chamada artigo.

### **Cidade e multidão**

Em *Cómo leer ciudades: Una guía de arquitectura urbana*, Glancey (2017) inicia o seu guia com um texto de introdução no qual se pergunta qual é a diferença entre uma cidade e um povoado ou aquilo que aqui no Brasil costumamos chamar de bairros ou vilas. Segundo o autor, não existem definições confiáveis para falar desta distinção entre um e outro, mas sabemos a diferença de modo prático e cotidiano. Uma cidade é sempre sede de poder, manifesta um pulso vital, possuiu propostas culturais e tende a mudar rapidamente obedecendo o ritmo de pessoas que transitam em busca de fortuna, perder-se nas multidões, buscar trabalho e até mesmo liberdade.

Desde Benjamim até Ferrara, passando ainda por Leone e Badir, observamos que a leitura do espaço urbano, da cidade e compreensão da fusão ou distinção de

---

ambos passam pelo entendimento da relação homem/ lugar, global/local, vazio/cheio e nesse caso o cheio pode ser convertido em multidão.

Lemos nas notas da versão italiana do texto '*Charles Baudelaire: un poeta lirico nell' età del capitalismo avanzato*', escrito por Walter Benjamin, as notas de tradução na Introdução e análise de Agamben para quem:

O flâneur ainda está na soleira, tanto da cidade grande como da burguesia. Nenhum deles o dominou ainda. Em nenhum deles ele se sente à vontade; e busque refúgio na multidão. As primeiras contribuições para a fisionomia da multidão são encontradas em Engels e Poe. A multidão é o véu através do qual a conhecida cidade se mostra ao flâneur como uma fantasmagoria. Nessa fantasmagoria, agora é paisagem, agora é quarto. Ambos formam o armazém, que também coloca a flânerie a serviço da venda. A loja de departamentos é a última calçada do flâneur. (2012, p.22- tradução nossa)

Em livre tradução compreendemos a leitura que Agamben faz do personagem baudelairiano uma vez imortalizado também em Benjamin. Essa figura ilustrativa e segundo Agamben até mesmo alegórica, buscava refúgio na multidão, se escondia nela, se fundia nela e nessa composição permitia a nós, leitores 'transseculares' uma leitura do fascínio/embotamento que era estar na Paris das luzes do século XIX bem como permitem a Agamben colocar o flâneur ora como paisagem ora como quarto. Assim, nos erros que podem conter as nossas notas de tradução, embora paisagem e quarto não se constituam em pares de oposição é possível daí extrair uma relação da figura do Flâneur em relação ao espaço pois ora funde-se com a paisagem, externa, ampla e contínua, ora funde-se com o quarto, interior e íntimo.

Ainda sobre a multidão enquanto categoria ontológica da cidade, buscamos em Lucrécia Ferrara a inspiração para compreender como multidão e cidade estão intrinsecamente conectadas. Em 'A comunicação que não vemos' Ferrara aborda textos nos quais trata das questões contemporâneas do fazer-se comunicar e da comunicação midiática. Resgata a função do anonimato e da multidão em Benjamin e pensa como a metáfora é a melhor visualidade de uma política vivida na distância de um estado protetor (2018, p. 135). Para ela:

Na passagem do século XX para o XXI, a cidade emerge de mundos possíveis atualizados pela aceleração contemporânea, que a articula como um acontecimento que precisa se agenciado de modo analítico e interpretativo, a fim de que seja possível superar a reiterativa prática do cotidiano e seja possível ver/rever as dimensões ontológicas que a polis grega nos delegou(...) A multidão parece surgir, na atualidade, como a grande categoria ontológica da cidade, que a faz parecer como monstro biopolítico comum a todas as cidades

---

prontas a resistir, se motivadas por uma ação que procura mudar ou sugerir outra forma de pensamento. (FERRARA, 2018, p. 136)

Ferrara recupera brevemente a conexão que Negri fez em sua crença no poder da multidão há uma década atrás. Relembra a questão do monstro biopolítico citado por Negri e o modo como todas essas fraturas internas contidas no conceito de povo vem a tona quando pensamento no processo que transforma a multidão ora em comum e ora composta de múltiplas e coletivas singularidades. Afirma ainda que existe uma categoria ontológica inerente a espacialidade, a visibilidade e a comunicabilidade, todos esses elementos prescindem da presença da multidão. Concordamos com Ferrara que a multidão é a categoria ontológica para pensar a cidade, que as estratificações ou as diversas semiosferas que compõe a cultura indiciam também a multiplicidade de identidades que compõem tal multidão. Ninguém mora na multidão, ela movimenta-se pela lógica do enxame, numa espécie de sincronia e afinidade entre os indivíduos e que no entanto distingue daquilo que chamávamos de massa na segunda metade do século XX.

Na primeira metade do século XX, principalmente após a primeira guerra mundial, vê-se surgir o conceito de massa, apresentado pelos pensadores de Frankfurt a partir das teorias culturais que examinaram a produção cultural como mercadoria a ser consumida, bem como a indistinção dos indivíduos. O termo massa perdurou até meados da década de 90 quando começaram a aparecer pensadores que fizeram a distinção entre massa e multidão. É nesse contexto pós guerra fria, pós queda do muro de Berlim, pós utopia do surgimento de um modelo econômico que fizesse de fato frente ao capitalismo que o conceito de multidão reapareceu dentre pensadores como Toni Negri e Ian Molier Bultang. Negri, de certa forma, elegeu a multidão como aquele ente social capaz de reivindicar as mudanças sociais necessárias para um mundo que já havia perdido a esperança de uma vida mais igualitária. No começo do século XXI esse ente cardume, que poderia se reunir por demandas pontuais daria conta de uma modificação no contexto social mundial. A multidão exigente.

Fizemos uma análise dos índices do cisalhamento do povo brasileiro durante o episódio do golpe que derrubou o governo de Dilma Rousseff (SANTOS, 2018). Naquele texto levantamos uma série de sintomas que culminaram com a divisão da

---

Esplanada dos Ministérios com o muro da vergonha durante a votação do impeachment. Em tal artigo afirmamos que as manifestações de 2013 oportunizaram uma espécie de mapeamentos da multidão a fim de selecionar o grupo asséptico que depois formou as manifestações que derrubaram a presidente Dilma e, hoje, podemos dizer que deram luz a uma direita ultra conservadora que elegeram Bolsonaro.

De certa forma, ali já se via de modo experimental o que chamarei neste artigo de código discreto da multidão. Jakobson salienta a importância da descrição dos códigos verbais (1995, p. 37-p.39) a partir de onde é possível definir como códigos discretos aqueles capazes de serem codificados > decodificados e recodificados gerando mensagens cujos sinais podem ser reconhecidos. Em uma perspectiva transdisciplinar pode-se comparar o processo de codificar e decodificar com o processo de reticulagem de imagens. No caso da imagem, pintura ou fotografia, foi necessário inventar um processo mecânico por meio do qual fosse possível subdividir a imagem em itens controláveis, dando a impressão de que a imagem reconstruída a partir desses sinais mínimos fosse a mesma ou lembrasse aquela feita pelo pincel ou pela luz. Quando começamos a ver as manifestações da multidão exigente não pensávamos que mesma pudesse ser reticulada, afinal na multidão vemos a cara de cada um dos indivíduos mas o número deles nos impede de saber por que e por quem tal multidão é composta.

Na sequência das manifestações de junho de 2013 no Brasil verificamos a ausência das multidões até a captura dos desejos constantes naquele grupo que ao meu ver culminaram na imersão de multidões não mais compostas de subjetividades coletivas mas devolvidas brutalmente para o contexto brutal da massa fascista que anseia com todas as suas forças para expurgar de si todos os diferentes. Assim, a coleta eletrônica de dados da multidão, permitiu separar as subjetividades e reagrupá-las em pautas que já vinham sendo expressas pelos progressistas, mas também conseguiu encontrar vozes destoantes e reagrupá-las em outros grupos. Daí surgem tecnologias, big datas e análises que permitiram dissecar a multidão, reticulando-a por meio de ferramentas que permitem identificar além dos rostos e gestos, os gostos, os anseios e os pontos em comum.

A multidão que antes parecia indistinguível agora pode ser recombinação, requalificada, reorganizada, cumprindo um papel não de reivindicação espontânea mas

sim fabricada por meio de algoritmos. Pós fenômeno dos levantes sociais, da primavera árabe, das manifestações de julho no Brasil que desafortunadamente culminaram com as eleições de Bolsonaro, devemos nos preparar para mais uma investida tecnológica capaz de promover uma nova onda de reticulação, trata-se das ferramentas de scanner facial implantadas tanto em dispositivos como o Google, quanto em aeroportos e câmeras de vigilância em cidades e espaços públicos.

Uma leitura possível, enquanto aspecto ligado ao tempo, dessas multidões é o da emergência das mesmas enquanto voz da coletividade, forjada na última década do século XX e começo do século XXI, tais vozes reivindicam os direitos coletivos ainda que singulares. Posteriormente a indexação, a decodificação e a reticulação da multidão, não somente dividindo-a nas infinitas faces e identidades que a compõe como também dividindo cada identidade em infinitas singularidades que a compõem. Tal mapeamento evidencia os pontos de convergências com os quais seria possível conectar indivíduos em multidões assépticas e perversas. Agora por fim, chegamos a exclusão da multidão. Não sabemos há que o dispositivo COVID19 emergiu, mas a desocupação momentânea dos espaços de multidão foi um dos seus grandes feitos e grande índice. Num primeiro momento mais do que as covas coletivas, a pandemia gerou o índice do vazio, do asséptico e do isolamento.

### **A pandemia e o vazio**

Retomamos as questões que nortearam a escrita deste artigo para falar do espaço público vazio cuja visualização só foi possível em função do grande acontecimento do século XXI, a pandemia do COVID19. Não se pretende fazer aqui uma leitura apressada do ponto de vista ecológico na qual se afirma que o surgimento do vírus deu-se em função mais uma vez do mal uso dos recursos naturais, da superpopulação nas cidades e da falta de conexão dos seres humanos com um modo de vida mais sustentável e aceitável. Também acompanhamos os diversos *blogs* políticos que afirmam a fusão do vírus com governos virulentos como Trump e Bolsonaro.

Nossa análise escapa a fusão biológica e biopolítica e investe na questão do espaço. Não foram raros os momentos na história da humanidade em que o esvaziamento do espaço público em função da insustentabilidade das aglomerações

urbanas se deu. Alguns autores sinalizam até que o surgimento de pandemias foram os responsáveis pelo desaparecimento de aglomerados urbanos e até de civilizações inteiras. Dessa forma a presença ou não de pessoas é sinalizada simbolicamente como sem asséptica ou não. Quanto mais isolado um grupo de pessoas, quanto menos movimento, quanto menos contato menores serão os riscos de contágio.

Assim, uma das primeiras medidas tomadas pelos diferentes governos do mundo foi tentar impedir a circulação e inibir a subida das taxas de contágio. Em março de 2020, quando a pandemia chegou ao Brasil, a previsão era de que um a cada dez casos de COVID 19 necessitaria de internação e o grande temor foi o do colapso do sistema hospitalar. Logo, conter o movimento das pessoas, o contato e o fluxo significaram naquele momento saúde e garantia de tratamento. É nesse contexto que as imagens da BBC exibidas em abril de 2020 foram filmadas.

Trazemos abaixo, imagens de duas das diversas localidades mostradas no vídeo da BBC News, abaixo delas dispomos imagens e manchetes de jornais que mostram o lugar em contexto de uso e ocupação 'normal' plenos com o movimento das pessoas.

Figura 1 - Praia de Copacabana no Rio de Janeiro



Fonte: Frame / Quarentena nas Alturas - [www.bbc.com/portuguese/internacional-52478020](http://www.bbc.com/portuguese/internacional-52478020)

Figura 2 - Praia de Copacabana em 11/10/2020



Fonte: Manchete do jornal extra disponível em <https://extra.globo.com/noticias/fim-da-covid-19-praias-do-rio-ficam-lotadas-em-feriadao-nublado>

Figura 3: Meca Vazia vista de cima



Fonte: Frame / Quarentena nas Alturas - [www.bbc.com/portuguese/internacional-52478020](http://www.bbc.com/portuguese/internacional-52478020)

Figura 4: Mulçumanos em peregrinação à Meca





Fonte: Mulçumanos em peregrinação à Meca em 2019. disponível em <https://www.istoedinheiro.com.br/ameaca-do-coronavirus-paira-sobre-peregrinacao-a-meca/>

### **Semiótica do espaço e análise das imagens: rascunhos e garatujas .**

Aproveitamos a necessidade de ineditismo exigida pela organização da Intercom para fazer uma leitura rápida e nos aproximarmos da proposta de semiótica do espaço cunhada por Sémir Badir, semioticista da linhagem francesa, conhecida no Brasil como semiótica Greimasiana.

De fevereiro a maio de 2017 aconteceu no CIRCE/UNITO o seminário organizado pelo professor Máximo Leone sobre o termo Aspectualização e Aspectualidade em Greimás. Chamou-nos atenção, a síntese apresentada por Badir na qual ele propunha uma leitura das questões espaciais e temporais passando pela semiótica pragmática em James e Peirce, pela própria conceituação de Aspecto Espacial e Temporal em Courtés e Greimas, pela seminótica tensiva de Zilbelberg, além de Fountanille e Bertrand. Acompanhamos a discussão quando da conferência ministrada por Badir durante o seminário, mas depois pudemos ter acesso ao texto *Note de synthèse sur l'aspectualité spatiale* publicado na revista *Léxia*, a qual referendamos ao final deste texto, bem como a partir do qual fizemos a tradução das tabelas apresentadas neste artigo.

A aspectos agora se estende para fora do domínio das ações para dar conta dos processos de transformação de estados, como surgimento ou devir. Como resultado, ela mesma se encarrega de um certo tipo de processo: iteração ou conclusão são vistas como estados afetados pelo tempo (e não mais situados fora do tempo) e se transformando de acordo com o tempo. Falamos, então, sobretudo em aspectos, ou seja, na maneira como o discurso influencia, por si mesmo, tudo o que encena: atores, objetos, laços. Em outras palavras, a temporalidade própria do discurso gera um julgamento aspectual atribuível a qualquer atuante dotado de função semântica, seja em um texto, narrativo ou descritivo, seja em uma imagem. (BADIR, 2018, p. 136) tradução nossa

Concordamos com o autor sobre a amplitude do conceito de aspecto que carrega em si tanto a plasticidade quanto a relação desta com o observador atento, traz a posição do objeto no espaço e da espacialidade em função da posição do objeto nele.

É possível acompanhar o processo de Badir até a proposição de uma tabela, construída a partir das contribuições de Bertrand, Foutanille e Zilbelberg para pensar as subcategorias aspectuais divididas nos foremas (direção, posição e *momentum*) que podem ser cruzadas com as dimensões espaciais compiladas a partir da geometria como linha, plano, volume e numa quarta coluna a proposição da relação espaço tempo.

Tabela 1: Tabela Geral da Aspectualidade Espacial

Dimensões	Espace 1 (la ligne)	Espace 2 (le plan)	Espaço 3 (volume)	Espaço 4 (plano / volume + tempo)
Subcategorias aspectuais Phorèmes (CZ)				
Direção	Discontínuo/contínuo (DB)	Local/global (DB)	Aberto / fechado (CZ) Dispersão / concentração (JF)	Aleatório / estruturado Aberto / Hermético (CZ) Saída / Entrada (JF)
Posição	Vestígio (indicial/formel/symbolique)	Tátil/óptico (Parret) Monumental/lírico (Beck)	Externo / interno (CZ) Distante / próximo (DB) Rompimento / Reconciliação (JF)	Desconectado / conectado Estranho / Íntimo (CZ)
Élan/Momentum	Segmentado / Vetorial (linear)	Onda/ rede	Descanso / Deslocamento (CZ) Extensão / Concentração (JF)	Sequencial / Concomitante Fixidade / Ubiquidade (CZ)

Fonte: Sémir Badir/ Rivista Lèxia - 27/28 p. 147. (tradução nossa)

Na figura 1, vemos no *frame* a Praia de Copacabana vazia, asséptica, com o mar que outrora foi azul agora escuro, não se vê o sol, não se vê os guarda-sóis, apenas a areia contornando o mar, fragmento de quiosque e parte da avenida vistos de

cima. Já na figura 2 temos além do texto verbal, a imagem da mesma praia de Copacabana com guarda-sóis coloridos, o mar mais agitado, fragmentos da cidade, o céu com nuvens e o texto alerta para a desobediência e a impressão falsa de segurança e fim de pandemia que a imagem passa.

Na figura 3 vemos a monumentalidade de uma Meca, livre inclusive de fragmentos da natureza, desprovida de cores, de céu mas também de fiéis, restando uma grande maquete cinza em escala 1 por 1, cujo significado para o mundo islâmico se traduz também nas constante peregrinação de fiéis como está demonstrado na figura 4.

Ao confrontarmos os elementos na tabela proposta por Sémir Badir construímos a relação entre as dimensões (linha, plano, volume e tempo) e as subcategorias aspectuais a partir da direção, posição e do *momentum*.

**Composição da Tabela para a Figura 1**

Dimensões Subcategorias aspectuais Phorèmes (CZ)	Espace 1(la ligne)	Espace 2 (le plan)	Espaço 3 (volume)	Espaço 4 (plano / volume + tempo)
Direção	Contínua - as linhas da praia e do mar são paralelas e contínua	No contexto do Vídeo da BBC a imagem é Global pois evoca o imaginário do mundo a respeito do Rio	Os volumes se constituem enquanto abertos (mar e areia) fechado morro/quiosques	Trata-se de um plano estruturado que revela um tempo preciso
Posição	Neste caso o observador está sobre a cena e se indicia pela posição da imagem abaixo de si	A relação Posição Plano se dá a partir do sentido óptico e monumental	Na relação entre posição e volume revela-se um observador externo e distante que rompe qualquer contato tátil com o espaço	Enquanto relação entre a posição, o volume e o tempo é possível perceber novamente um fragmento de tempo preciso, aciona-se aqui ainda a precisão do tempo em função do repertório e de outras experiências com a paisagem exibida.
Élan/Momentum	A representação é vetorial, as linhas formam continuidades e podem ser transcritas com redução de informação. O vazio da praia poderia facilmente ser representada em outras linguagens como uma tríade de linhas ou mesmo uma descrição verbal de uma única palavra: Vazio.	Entendemos que como onda o autor queira significar a reverberação de um elemento gráfico em outro e enquanto rede as conexões possibilitadas a partir da relação entre o momentum e o plano, sendo que no caso da figura 1 prevalece a onda, a reverberação dos efeitos da sequência de imagens que resulta no frame apresentado na figura 1	Trata-se de uma imagem que pressupõe um deslocamento pois chega no observador a partir da sequência de imagens Traduz a extensão da praia de Copacabana ao apreender as linhas possíveis de serem percorridos com o olhar.	Enquanto aspecto temporal evidencia-se o espanto pelo vazio da praia. Pela dimensão que a praia ocupa e pela monumentalidade percebida diante do contexto que limita o movimento de todos menos do observador que registra e transmite o momento capturado.

---

Embora o desejo fosse construir uma tabela para cada uma das imagens demonstradas e além disso construir um cruzamento entre as descobertas dos pares, podemos retirar da experiência as relações possíveis pelas alteridades visuais que surgiram em lugares singulares, reconhecidos no mundo todo, ora como signo da liberdade e do bem viver, como Copacabana, ora como signo de fé e peregrinação de fiéis como Meca.

Nem o lazer e nem a obrigação religiosa escaparam da assepsia promovida pelo vírus. De modo geral, a multidão que ocupa a praia distinta da multidão que ocupa Meca tem em comum o fato de fragmentar o espaço, particularizar o tempo, transformar linhas curvas e suaves como as de Copacabana ou retas e quebradas como as de Meca numa profusão de fractais.

### **Conclusão**

De modo geral, ao utilizar a tabela percebemos uma limitação da leitura dos sentidos possibilitadas pelas imagens analisadas. Apesar das categorias permitirem pensar espacialmente e temporalmente falta-nos ainda a destreza para cruzar essas informações a partir da posição de um observador atento e da captura do momento no qual ocorre a captura das dimensionalidades e temporalidades com o observador.

Seguindo na aproximação ainda da multidão como categoria ontológica da cidade defendida por Lucrecia Ferrara e da reticulagem da multidão como elemento de diminuição do potencial de luta, informação e processos subjetivos, acreditamos que ainda exista muito a ser pensado e construído para se falar em uma semiose do espaço e, da semiose do espaço pensar em uma semiose da cidade, das cidades latinas e cidades brasileira também diante de suas multidões. Outro elemento que passa a compor o horizonte da pesquisa sobre cidade são os intervalos de vazios causados pela pandemia.

A multidão que ora foi o refúgio do flâneur agora reivindica a normalidade de uma vida que por enquanto mostra a sua fragilidade ao ser acuada por um inimigo invisível e ainda não totalmente decifrado. Outras semioses virão e esperamos poder com o tempo desenvolver essas questões e apresentá-las em trabalhos futuros.

---

## Referências Bibliográficas.

AGAMBEN, Georgio. **Meios sem fim**: notas sobre política. São Paulo: Autêntica, 2015.

BADIR, Sémir. *Note de synthèse sur l'aspectualité spatiale in Léxia*: Rivista di Semiotica 27/28. Turim: Aracne, junho 2017 p. 133 - 156

BOUTANG, Ian Moulier. **Cognitive Capitalism and Entrepreneurship: Decline in industrial entrepreneurship and the rising of collective intelligenc**. *Conference on Capitalism and Entrepreneurship in New York*: Sage Hall Cornell University, Ithaca, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: un poeta lirico nell'era del capitalismo avanzato**. Cura di Giorgio Agamben, Barbara Chitussi, Clemens-Carls Härle. Vicenza: Neri Pozza. Col. La quarta prosa, 2012

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. **A comunicação que não vemos**. São Paulo: Paulus, 2018.

GLANCEY, Jonathan. **Cómo leer ciudades**: una guía de arquitectura urbana. Madrid: H Blume, 2016.

GREIMAS, Algirdas Julien e COURTÉS, Joseph. **Semiotica- Dizionario ragionato della teoria del linguaggio**. Cura di Paolo Fabbri. Milano: Bruno Mandadori, 2007.

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. **Multitude: war and democracy in the age of empire**. New York: The Penguin Press, 2004.

LOTMAN, Iuri M. **La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto**. Ed. Desidério Navarro. Madrid: Cátedra, 1996.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo. São Paulo: Cultrix, 1995.

<https://extra.globo.com/noticias/fim-da-covid-19-praias-do-rio-ficam-lotadas-em-feriado-nublado-24687969.html>

<https://www.istoedinheiro.com.br/ameaca-do-coronavirus-paira-sobre-peregrinacao-a-meca/>

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional>

